

**MESTRE PIERRE HENRI LUCIE (1917-1985)**

Cyrano de Bergerac, Lucie de Condom, cadetes da Gasconha que tiram seu chapéu ao Don Quixote.

Teu sorriso, penacho de desafio contente, corria de grupo em grupo entre as bancadas do laboratório de ensino. "Solte você e te peso amarrado à mola... oscila?... Porque olham para mim?... E agora, se amarrarmos um peso maior?... Não perguntem a mim, perguntem ao sistema, perguntem à Natureza!" Não eram aulas, eram encontros de vida. Seu ã-vontade era o desafio. De onde vinha esta força interna, este entusiasmo contagiante? Do que me contava em nossa sala luminosa no sexto andar da PUC, nos momentos de dificuldades, quando a gente recolhia a experiência cultural, dava um tempo, conferia os rumos tomados e confrontava os desejos novos com os valores antigos, recordarei o pouco que a discrição me permite.

Pierre cresceu entre as duas grandes guerras, na cidadezinha de Condom, terra do Armagnac, perto dos Pirineus. Fêz vinte anos no meio da guerra civil espanhola e seus primeiros contatos internacionais foram com mulheres e homens republicanos refugiados e acampados na região. Durante os anos estudantis, passados em Toulouse, entrou para a Juventude Comunista. Teve como Mestre o professor de Física, Bouasse, cujo entusiasmo e exigência o inspirou tanto que o citava ainda hoje e se referia ao "seu clássico tratado de Física em 35 volumes, publicado entre 1914 e 1937". Nesta época nacionalista o filho de família modesta se preparou em Toulouse para entrar na escola de oficiais profissionais de Saint-Cyr, perto de Paris. Foi admitido nº 19 entre 410 alunos e estudou dois anos até o início da segunda guerra mundial em 1939. Como subtenente fez a "Campanha da França" durante alguns meses, quando sua unidade foi aprisionada. Pierre viveu de 1940 até o fim da guerra em 1945, num campo de prisioneiros de guerra para oficiais, na Alemanha. Não era campo de concentração e as "leis da guerra" não impediram que os oficiais presos organizassem uma verdadeira universidade dentro do campo. Lá Pierre seguiu os seguintes cursos: "Mécanique Analytique; Optique Supérieure; Analyse Supérieure et Géométrie Différentielle; Mécanique Quantique" ministrados por colegas oficiais que se tornaram depois da guerra conhecidos autores de livros-textos: Laîné, Castel, Pailloux, Gouyon.

**PIERRE LUCIE**

**FÍSICA COM  
MARTINS  
E EU**



**VOLUME II**  
DINÂMICA DA  
PARTÍCULA  
FASCÍCULO 1



ILUSTRAÇÕES DE  
*Heugel*

A respeito destes cursos de pós-graduação Pierre declarou num curriculum seu: "eram reconhecidos pela Universidade de Paris, a qual de via outorgar aos aprovados nas provas realizadas nos campos o Diplôme d'Études Supérieures. A minha vinda para o Brasil no início de 1946 me impediu de levar a efeito os trâmites burocráticos referentes a este assunto". O "material didático" disponível nos campos de via lembrar o que Pierre chamou mais tarde de "sucata caseira" e carregava-o nos bolsos e na sua pasta do Rio Grande do Sul ao Piauí. Mas Pierre não gostou da vida de cárcere; fugiu do campo de Arnswalde e atravessou toda a Alemanha a pé no último inverno da guerra, ajudado no caminho por seres humanos da Nação inimiga.

Sobre sua emigração, Pierre contava que na volta para a sua cidade natal, depois da guerra, encontrou os amigos divididos entre colaboradores, resistentes e resistentes da última hora, todos pedindo o aval do herói que voltava. Para não ter que escolher preferiu acompanhar um outro amigo militar nomeado para um posto diplomático no Brasil. Desembarcou sem títulos formais; foi à luta: foi motorista de caminhão, transportando açúcar de Campos para o Rio de Janeiro; consertou rádios em casa e montou os primeiros "Hi Fi's" no Brasil em 1948 para vender para os amigos.

Depois começou a ensinar em colégios particulares e em "curinhos". Então tornou-se o mestre cujo estilo ia marcar tantas pessoas e determinar tantas vocações científicas. Nas palavras do professor Ênio da Silveira, da PUC, que o conheceu no Curso P.H., Pierre podia "cativar" para a Física como diria Saint Exupéry. Trouxe primeiro a perfeição lógica do encadeamento das apresentações e a elegância matemática do cálculo vetorial. Dizia então: "cinemática sem cálculo vetorial é como um sanduiche sem a salsicha". Da mesma época, o professor Paulo Costa Ribeiro lembra "a lógica tão bonita, atraente, uma coisa perfeita, de uma beleza quase estética no raciocínio; dava prazer". Mas isto tudo era feito ainda no quadro negro! A força interna do Pierre lhe permitiu evoluir, continuar mudando, progressivo e progressista, à maneira que a direita não entende e não perdoa. Quando foi aos Estados Unidos em 1963 soube aproveitar o entusiasmo criativo dos universitários de Boston envolvidos no PSSC. Participou da elaboração dos "tópicos avançados" e das experiências que os acompanham, todas fundamentais mas construídas com materiais acessíveis a todos. Sem perder o gosto pela apresentação cartesiana ele apossou-se também do pragmatismo yankee.

Pierre tinha entrado na PUC como subdiretor do Instituto Costa Ribeiro de Física, em 1960. Aí criou os laboratórios básicos, implantou o ciclo básico e deu cursos de maneiras tão diversas que vã

rios colegas não entenderam como ele nunca repetia o mesmo curso e não deixava regras e conteúdos fixos para outros seguirem. Apaixonou-se pelo Galileo experimentador, leu criticamente toda sua obra e discordou das conclusões céticas do Kořrê. Certa vez deu o curso de Física I seguindo a história da astronomia. Utilizou o Planetário da Cidade e as áreas abertas perto da PUC fazendo os estudantes andarem em carrinhos puxados com cordas e utilizando a observação do movimento dos planetas para elaborar toda a mecânica de Newton. Não parava de atuar e de "maravilhar-se" frente à Natureza. Ainda este ano, ao reler no original em latim o primeiro artigo científico de Galileo "Sobre a Pequena Balança" desconfiou de uma dedução aparentemente óbvia para Galileo, mas não explicitada. Conhecedor profundo dos esquemas de pensamento do seu Mestre, redescobriu uma demonstração físico-geométrica extremamente simples e elegante que tinha que ser a justificativa utilizada pelo próprio Galileo.

Quando convidado como professor titular pela UNICAMP em 1977 formou uma equipe que deu todas as aulas de Física básica no próprio laboratório de ensino. Finalmente, tinha condenado o quadro negro, porque "quando você fala de temperatura e desenha um termômetro no quadro negro, não é a temperatura que sobe, é o giz".

Produziu alguns livros-textos que as casas editoras têm o mau hábito de deixar que se esgotem sem reimprimi-los. Pierre Lucie parece insistir em seguir o seu personagem Cyrano de Bergerac:

*"Foi meu fado*

*ser aquele que inspira e fica ignorado."*

Ele e Henfil, ainda desconhecido na época, se inspiraram mutuamente para produzir Física com Martins e Eu em 1969, livro animado para o segundo grau. Do prefácio prefiro o seguinte parágrafo:

*"Eu tomo posição quanto à maneira de expor. Fujo, tanto quanto possível, do formalismo matemático. Ah! Quantas querelas amigáveis tive sobre o assunto! Continuo firme. Cada dia mais. Não por teimosia idiota. Por convicção.*

*Esclareço: não sou contra a matemática na Física. Seria tão imbecil, e inútil, como ser contra o tear mecânico na tecelagem. Conheço bastante a Física para saber que o formalismo matemático é uma linguagem, uma ferramenta, indispensável. Mas cujo domínio deve suceder, e não anteceder, a percepção.*

*Se não me entendem, tento explicar:...."*

Na época, Pierre acreditava que "o adolescente desta segunda metade do século é também um cientista nato". Depois pôs água

neste vinho e olhou mais criticamente para a influência do meio social sobre a atitude e a capacidade "inata" dos estudantes. Enfrentou o que chamava de "síndrome da empregada", o fato da maioria dos estudantes da PUC não quererem tocar nas coisas, não quererem sujar as mãos porque nunca tinham "entrado na cozinha". O papel de Pierre na educação científica brasileira foi um papel social. A sua atuação pedagógica dinamizadora fazia parte de uma visão do mundo construída pouco a pouco. Por experiência própria sabia que a história não se conta de maneira internalista e que a maneira de ensinar e de aprender se confundem com a maneira de encarar o mundo.

Mas ele nos reservava uma surpresa de tamanho. O professor, isolado nas aulas do ciclo básico da PUC, foi chamado a Brasília em 1982 pelo diretor da CAPES para coordenar o "Projeto para Melhoria do Ensino de Ciências e Matemática" do programa "Educação para a Ciência", financiado pelo PADCT. Entendeu o cargo dinamicamente: saiu pelo País afora realizando uma verdadeira procura arqueológica das iniciativas individuais, dos projetos em andamento, dos trabalhos e exemplares isolados nas escolas e cantos esquecidos do Brasil profundo. Voltou exigindo distribuir os fundos disponíveis igualmente em tre áreas geográficas do País, exigindo a participação de professores do 1º e 2º graus no comitê julgador, exigindo regras democráticas e nenhuma intervenção externa ou hierárquica no processo de avaliação dos projetos. Assim estão sendo financiados hoje quase uma centena de projetos catalizadores de ensino de ciências cujo dinamismo estava garantido antes de aparecer o dinheiro. Quando decidiu voltar ao Rio em 1984 para estar perto da família e dos netos, o espírito do Pierre tinha deixado sua marca em Brasília, administrativa e humanamente. Não será por acaso que sua última conversa, de trabalho e de amizade, foi pelo telefone, em casa, depois da hora do jantar, com a professora Eda Barbosa, atual coordenadora do Programa "Educação para a Ciência".

Nosso Cyrano tinha tirado a espada mais uma vez nos últimos meses, enfrentando um microcomputador e escrevendo programas para demonstrar graficamente na tela o que não se consegue investigar experimentalmente no laboratório de ensino. Mas não aceitava nenhuma virtude intrínseca ou mistificadora dos computadores; continuava condenando a suposta utilidade do computador como interlocutor do aluno ou como substituto do professor. Não se rendia, utilizava. E quando desenhava com seu micro o diagrama de fase  $(x, \dot{x})$  do oscilador harmônico amortecido, pensava possivelmente no professor-pessoa-nagem criado pelo Henfil no livro citado:



C entre nós: Comprimento ainda vá lá. Tem  
po, eu confesso que talvez não  
seja tão fácil.

Eu acredito mesmo que você nunca cha-  
gue a se sentir muito à vontade com o con-  
ceito de tempo.

Eu por minha parte nunca consegui.

Mas acabamos nos acostumando um com o  
outro, o tempo e eu.

Maurice Bazin

PUC/RJ e ESPAÇO CIÊNCIA VIVA